

## Tempos, leitores e leituras: caminhos cruzados<sup>1</sup>

Maria Luiza Abaurre

Em 1999 um filme americano, *Mensagem para você (You've got m@il)*, estrelado pela dupla Meg Ryan e Tom Hanks, fez grande sucesso nos cinemas nacionais. Milhares de brasileiros assistiram a essa história de amor dos tempos modernos e acompanharam a troca de mensagens eletrônicas pelos protagonistas. Sem que percebessem, tomaram contato com um universo cultural profundamente diferente do nosso, no qual a comunicação virtual das mensagens eletrônicas fazia parte do cotidiano das personagens. É bom lembrar que esse filme foi exibido há 8 anos, quando o número de brasileiros com acesso à Internet e ao correio eletrônico era muito inferior ao que é hoje.

Como pano de fundo da história de amor entre os protagonistas, aparecia a luta da heroína para manter aberta uma pequena livraria, herdada da mãe, onde ela recebia com sorrisos e histórias encantadoras as crianças que começavam a se deixar seduzir pelo mundo dos livros. Próxima dali, erguia-se a ameaça à sobrevivência dessa livraria "familiar": uma megastore, na qual dezenas de milhares de livros eram expostos como qualquer outro bem de consumo e cujos funcionários pareciam incapazes de fazer uma sugestão de leitura para uma mãe um pouco mais perdida sobre o que comprar para seus filhos pequenos. A mensagem do filme é clara: no mundo capitalista, os livros são

---

<sup>1</sup> Texto apresentado como encerramento da mesa redonda *Tempos, leitores e leituras* no **IV Congresso Internacional de Educação** (Fundação Santillana/Editora Moderna). São Paulo: 14 de março e Salvador: 24 de março de 2006.

um produto como outro qualquer. Busca-se quantidade e não qualidade. Pequenas livrarias onde o amor pela leitura supera o tino comercial estão fadadas a desaparecer, tragadas pelas grandes lojas.

No mesmo ano, o cinema nacional comoveu o mundo com a história de uma professora aposentada que, todos os dias, montava uma banquinha na Central do Brasil e punha-se a redigir cartas para centenas de analfabetos que por ali passavam diariamente.

É imensa a força simbólica do contraste entre o filme dos americanos ricos e famosos que, plugados na Internet, trocam e-mails, e o dos brasileiros anônimos e miseráveis que, sentados diante de uma professora aposentada, ditam cartas que não alcançarão jamais seu destino.

Ao procurar alguém que registre naquelas misteriosas letrinhas a história de suas vidas marcadas por muito sofrimento e provação, nossos analfabetos anônimos demonstram reconhecer que fazem parte de uma sociedade que os exclui: são párias no mundo da escrita e da leitura. Mas gostariam de pertencer a ele, ainda que por meio de um saber "alugado".

O Brasil que emerge das cenas de *Central do Brasil* é um país muito diferente dos Estados Unidos de *Mensagem para você*. Para milhões de brasileiros, o livro não chega sequer a ser considerado um bem de consumo, tão distante se encontra da realidade em que vivem.

E, aqui, cabe a pergunta: faria sentido propor, como questão central de um filme nacional, a luta das pequenas livrarias para sobreviverem? Ou, em um filme americano, o drama dos analfabetos que desejam enviar cartas para outros prováveis analfabetos, que precisarão, também eles, de leitores para traduzir os misteriosos sinais que trazem notícias dos que se foram há muito e talvez não voltem jamais?

Como público, aceitamos naturalmente a representação proposta no filme

americano como algo representativo daquela cultura. E reconhecemos, em *Central do Brasil*, as marcas cruéis da nossa realidade nacional. Uma inversão de contextos tornaria absurdas as duas histórias. Elas perderiam a sua representatividade.

Começo com a lembrança comparativa dos universos culturais ilustrados por *Mensagem para você* e *Central do Brasil* porque esses dois filmes nos ajudam a compreender bem o que significa afirmar que os objetos culturais – e o livro é um deles – têm o seu significado construído por uma relação que se estabelece entre diferentes agentes: um autor, um público, um contexto de produção e um contexto de circulação. Ignorar um desses agentes significa fechar os olhos para fatores que participam efetivamente da construção desse sentido.

Quando propomos a reflexão sobre a relação entre tempos, leitores e leituras, o que pretendemos é afirmar a necessidade de retomarmos a idéia da literatura (e dos livros) como algo que nasce de uma relação dinâmica e cujo sentido, por outro lado, será (re)construído pelo leitor ao inserir-se nessa relação.

Em seu livro, *A louca da casa*, a escritora espanhola Rosa Montero observa:

Um romance é tudo o que o escritor é: seus sonhos, suas leituras, sua idade, sua língua, sua aparência física, suas doenças, seus pais, sua classe social, seu trabalho... e também seu gênero, sem dúvida alguma. Mas isto, o sexo, é apenas um ingrediente entre muitos outros. Por exemplo, no mundo ocidental o fato de você ser homem ou mulher estabelece hoje menos diferenças de pontos de vista que o fato de pertencer a um meio urbano ou rural. [...] O mais provável é que eu tenha muito mais a ver com um autor espanhol, homem, da mesma idade que eu e nascido numa cidade grande, que com uma escritora negra, sul-africana e de oitenta anos que tenha vivenciado o *apartheid*. Porque as coisas que nos separam são muito mais numerosas que as coisas que nos unem.

Montero, Rosa. *A louca da casa*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 122-123.

Embora o interesse de Rosa Montero seja questionar o pressuposto de que a sua literatura seja definida prioritariamente pelo seu gênero (porque é mulher, produz necessariamente uma literatura feminina), o que suas palavras nos ajudam a compreender é algo muito mais essencial sobre os livros: eles trazem as marcas das experiências de vida de quem os escreveu. Se nós, seus leitores, tentarmos dissociá-los de seus contextos de produção, provavelmente enfrentaremos maiores desafios para compreendê-los.

O escritor argentino Jorge Luis Borges acreditava ser o livro o mais espetacular dos instrumentos utilizados pelo ser humano, porque ele não atua como uma extensão física como tantos outros (o microscópio e o telescópio, por exemplo, são extensões da visão; o telefone, da voz; o arado, do braço). Para Borges, o livro é uma extensão da memória e da imaginação.

Quando, como leitores, nos voltamos para a fruição dos textos, estamos usando o livro como um alimento para a nossa imaginação. Quando, porém, buscamos um texto para resgatar informações sobre o contexto estético, cultural, social e político em que foi escrito, estamos nos valendo do seu poder de expandir a nossa memória: ele nos abre as portas para o passado. Esses dois objetivos, estimular a fruição do texto e orientar o resgate de informações, estão associados à leitura de maneira geral.

Robert Darnton, um importante crítico norte-americano, observa:

A leitura permanece um mistério, embora a façamos todos os dias. A experiência é tão familiar que permanece perfeitamente compreensível. Mas, se pudéssemos realmente compreendê-la, se pudéssemos compreender como elaboramos o significado a partir de pequenas figuras impressas numa página, poderíamos começar a penetrar num mistério mais profundo – saber

como as pessoas se orientam no mundo de símbolos tecido em torno delas por sua cultura. [...]

Robert Darnton. Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica. In: *O Grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Ler um texto, nessa perspectiva, significa reconhecer símbolos culturalmente definidos e elaborar significados a partir desse reconhecimento. Para que isso possa acontecer, temos de aceitar que a literatura nos apresenta um discurso marcado pelo momento de sua produção e circulação.

Criação de um indivíduo, o texto literário é, na verdade, o resultado final de um processo que contou com a participação de diferentes agentes: o autor que o escreveu, o público para o qual foi escrito, o contexto em que foi produzido (social, político, cultural, etc.) e os meios pelos quais irá circular. Todos esses agentes interferem, em maior ou menor grau, no resultado final.

Ao levantar informações sobre o público a que se destinam as obras produzidas em um determinado momento histórico, ao reconhecer as características do contexto no qual estavam inseridos os escritores, destacamos as forças que determinaram a escolha de algumas características estéticas, que explicam determinados usos da linguagem, que revelam as intenções dos diferentes projetos literários.

Reconhecer de que maneira a literatura nos descortina o passado e permite que reconheçamos a visão de mundo e o sistema de valores em diferentes momentos dá ao seu estudo um significado importante.

Nesse sentido, não importa se o autor a ser lido viveu no século VII a.C., XIX ou XXI. Importa compreender que sentido fazia, para ele, aquilo que escrevia. Importa saber como seu texto seria lido por seus contemporâneos e como ele

será lido por nós, tanto tempo depois de ter sido escrito. Importa saber, finalmente, como leremos, nós, a realidade em que vivemos, após tomar contato com essa obra.

Termino citando outro autor argentino, Alberto Manguel, que em sua História da leitura, resume de modo preciso algo que todos nós, leitores apaixonados, sabemos intuitivamente:

    Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, como respirar, é nossa função essencial.

Alberto Manguel. *Uma história da leitura.*